



PONTO DE VISTA

A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL BRASILEIRO*

Jocimar Daolio

Faculdade de Educação Física - UNICAMP

Este trabalho pretende discutir os possíveis motivos da violência que o país tem presenciado ultimamente nos estádios de futebol. Deter-nos-emos, principalmente, nas expressões de violência por parte da torcida, embora seja possível supor que esta agressividade esteja relacionada, ou seja causada, em parte, pelo jogo em si e pela violência dos praticantes. O leitor precipitado poderá afirmar que a violência não é característica exclusiva dos espetáculos futebolísticos, mas de várias outras modalidades esportivas. Não deixa de ser verdadeiro, mas o que nos interessa neste trabalho, e que servirá como pano de fundo durante todo o texto, é o papel que o futebol cumpre na sociedade brasileira. Nesse sentido, discutiremos a violência da sociedade brasileira, veiculada através do futebol. Inicialmente, para corroborar esta premissa, podemos afirmar que o futebol tem gerado mais violência do que outros esportes. De fato, um espetáculo de voleibol, basquetebol ou futebol de salão, apesar de contar com um público menor do que em um jogo importante de futebol, apresenta mais facilidades para uma manifestação violenta da torcida, por ser realizado num ginásio de esportes, sem fosso separando a torcida do campo de jogo, sem alambrado e com policiamento, proporcionalmente, menor. Mas nem por isso as manifestações violentas nestas modalidades se equiparam à violência que temos visto nos estádios de futebol.

Esta questão nos leva a pensar no lugar que o futebol ocupa na vida social brasileira. A capacidade que o futebol tem de paralisar o país em dias de jogos de Copa do Mundo; o fato de grande quantidade de veículos de imprensa cobrirem semanalmente jogos de futebol por todo o país; o menino; que, ao nascer, já recebe um time de futebol pelo qual torcerá a vida inteira; a grande quantidade de obras artísticas, de cinema, teatro, pintura, música, etc. que retrataram o futebol. Todos estes fatos nos permitem pensar que o futebol é mais do que um simples esporte, com regras, técnicas e táticas. No dizer do antropólogo Roberto Damatta (1982) "o futebol é um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira" (p.21). No dizer de Castellani Filho (1985) o futebol no Brasil "se identificou com aquilo que se convencionou chamar de Alma Nacional" (p.6). O futebol é um fenômeno social, e, como tal, permite uma análise além dos aspectos técnicos. Através do futebol é possível ver, analisar e, talvez, compreender melhor a sociedade brasileira.

É interessante notar que o futebol, apesar de ser originário da Inglaterra, se difundiu de tal forma no Brasil que passou a ser considerado o esporte nacional. Em outro trabalho discutimos com mais profundidade esta questão (Daolio, no prelo). Parece ter havido uma combinação das características técnicas exigidas pelo esporte com as características culturais do povo

(*) Palestra apresentada na II Bienal de Ciências do Esporte 1991

brasileiro. Essa combinação justificaria também o fato de o futebol, no seu início no Brasil, ter sido praticado nos clubes considerados de elite, para ganhar, já na década de 20, difusão por todo o território nacional e por todas as classes sociais.

A partir da consideração do futebol como fenômeno social, podemos afirmar que ele é parte da cultura brasileira e, assim, entendê-lo como um espaço no qual o povo pode dramatizar, vivenciar e atualizar emoções. Segundo Carlos Byngton (1982), o futebol é o "nosso maior exercício psicológico simbólico de desenvolvimento" (p.21). As emoções que o torcedor vive num estádio de futebol podem ser associadas àquelas que ele vive sua vida cotidiana. Para o torcedor, o seu time perder de goleada é uma vivência de humilhação; o momento do gol pode ser associado ao gozo, ao sentimento de prazer; o nosso goleiro "comer um frango" nos faz sentir vergonha; marcar um gol aos 46 minutos do segundo tempo nos faz acreditar em Deus e reavivar nosso sentimento religioso; ganhar de virada tem sabor de vingança; sentimos ódio de um juiz quando atribuímos a ele a derrota do nosso time.

Se o futebol permite ao torcedor vivenciar emoções associadas à sua vida cotidiana, ele permite também expressões que só são possíveis naquele contexto. Podemos citar alguns exemplos de comportamentos que são típicos nos estádios de futebol e que, fora dele, seriam considerados descontextualizados. As expressões verbais e xingamentos que os torcedores manifestam nos estádios são considerados deslegantes e abusivos na vida cotidiana. O contraste entre o que se permite falar nos estádios e fora deles é ainda maior quando se trata de mulheres que têm a cumprir na sociedade um papel de delicadeza e boas maneiras.

Temos presenciado, em jogos noturnos de meio de semana, a transfiguração do executivo, que saiu do trabalho de terno, gravata e pasta, no torcedor que, no decorrer da partida, vai "abandonando" o seu papel na sociedade para adquirir outro "status" e poder se manifestar de forma absolutamente estranha aos seus trajes. Isso quando ele não se despe das roupagens de executivo para vestir a camisa do seu time, guardada quase que clandestinamente num canto da sua pasta. É importante notar

que esse processo todo é, na maioria das vezes, inconsciente.

Temos presenciado, nos jogos de futebol, uma união entre pessoas brancas e negras, torcedoras, obviamente, do mesmo time. Integrados por um objetivo comum, a vitória do seu time, os torcedores se abraçam, cantam e dançam, independente da cor da sua pele. Na vida cotidiana, apesar do discurso contrário, nós sabemos que existe um conjunto de normas e regras que, muitas vezes, separam negros e brancos.

Outro comportamento que podemos observar numa torcida, e que não é comum fora dela, é o choro masculino. Nos estádios de futebol, nos momentos de vitória de um jogo ou de um campeonato, ou nos momentos de perda de um título importante, o homem reaprende a chorar - de felicidade ou tristeza -, "esquecendo-se" da educação que delegou este comportamento, preferencialmente, às mulheres.

A partir destes exemplos, é possível afirmar que o futebol, além de ser um esporte, possui uma dimensão ritualística, constituindo-se num "espaço sagrado" onde certos comportamentos são permitidos. Assim, o futebol, como o carnaval, deve ser analisado como uma expressão da sociedade brasileira, através da qual o povo se apresenta e se desenvolve. Nesse sentido, podemos pensar a violência da torcida nos jogos de futebol. Ela se constitui na expressão de um comportamento que não é possível ser praticado em qualquer momento e em qualquer lugar. O futebol acaba se tornando um espaço de ritualização de uma violência que não pode ser expressada na vida diária. Há, portanto, uma "permissão" cultural para a violência nos estádios.

Autores que discutem a violência no esporte apresentam algumas teorias. Cagigal (1976) afirma existirem duas grandes teorias explicativas da agressividade humana. Uma delas é a Teoria do Instinto, definida por Konrad Lorenz, e que tem por fundamento o caráter instintivo da agressividade humana. Outra teoria, contrária a essa é a que coloca a aprendizagem como determinante da conduta agressiva. Um dos defensores mais contundentes dessa teoria é Ashley Montagu (1978), que afirma que nenhum comportamento humano específico é determinado geneticamente. Carvalho (1985)

cita, além das duas anteriores, a Teoria da Frustração, defendida pelos comportamentalistas, nas qual a atitude agressiva seria causada por um ambiente ou situação de frustração.

Para nós, a causa da violência nos estádios de futebol não está nem no Homem e seus instintos, nem no futebol em si. Aliás, considerar que o futebol gera violência entre os torcedores levaria, em última instância, à proposta de que para se acabar com a violência no futebol seria preciso acabar com o futebol. Obviamente, essa conclusão parece-nos exagerada, por que o futebol pode estar violento, mas ele não foi criado para ser violento. Ele possui um conjunto de regras que institui a igualdade entre as duas equipes e pune quem pretender, por exemplo, levar vantagem em um lance fazendo falta sobre o adversário.

A questão que nos parece oportuna é: por que a violência nos estádios de futebol do Brasil vem ganhando, ultimamente, tamanha proporção? Se o futebol, como conjunto de regras e técnicas, mudou muito pouco ao longo dos anos, a direção da resposta parece não estar no futebol em si. Se o futebol expressa, como vimos, a sociedade brasileira, a pergunta anterior pode ser colocada de outra forma: o que vem acontecendo na sociedade brasileira que tem gerado tantas manifestações de violência nos estádios de futebol? Porque o futebol não pode ser analisado separadamente da sociedade brasileira. O torcedor que grita nas arquibancadas e que, às vezes, se exalta e se torna agressivo, é a mesma pessoa que vive num país envolvido numa das maiores crises de sua história. É a mesma pessoa que enfrenta problemas como desemprego, inflação, falta de moradia decente, falta de assistência médica, etc. Não pretendemos fazer aqui uma relação me- canicista entre frustração na vida e violência no esporte. Seria reducionista. Porém, não podemos desconsiderar a relação estádio-vida cotidiana. É só uma questão es- pecial, porque tanto assistindo a um jogo de futebol como lidando com seus afazeres diários, o indivíduo está vivendo em sociedade e praticando um conjunto de valores e regras sociais.

A hipótese que pretendemos defender aqui é que, vitimado pelos problemas já citados anteriormente, o indivíduo brasi-

leiro não tem tido condições - nem materiais, nem intelectuais, nem afetivas - de vivenciar e controlar suas emoções ade- quadamente. Acaba, então, canalizando boa parte desse potencial no futebol. A situa- ção proporcionaria muita emoção, que não teria como ser controlada.

Acreditamos que o torcedor tem depo- sitado no futebol e no seu time, em particular, parte talvez grande demais do seu potencial vital. Se isso for realmen- te verdadeiro, resta investigar os motivos que levam a esta canalização. O time pa- rece ser uma das poucas vivências de per- tencimento que ainda resta ao cidadão brasileiro, principalmente o das grandes metrópoles. Esta sensação do "fazer parte de" que, em outro momento histórico ou, talvez ainda hoje nas cidades menores, é vivido, numa cidade grande pode fazer fal- ta. A família vive distante, os bairros são longínquos, o tempo no transporte é enorme, o trabalho não vincula, o fim-de- semana é para ganhar algum dinheiro ex- tra.

Talvez o time para o qual o indivi- duo torce represente a possibilidade de sucesso, sucesso este que, fora dos está- dios, está cada vez mais difícil. O nosso time ser campeão nos faz vivenciar o êxito como nosso, irmanados com a equipe, o técnico e uma multidão. Em que outras situações da vida o indivíduo de baixa renda vivencia o sucesso, o êxito e a glória?

O futebol pode catalisar também a experiência de igualdade, igualdade que o indivíduo sabe que não tem em quase nenhuma situação da vida, mas que no futebol é exercitada. Para torcer por uma equipe não é necessário ter renda mínima, grau de instrução ou emprego fixo. Basta ter amor ao time. Não importa se o meio de transporte para se chegar ao estádio foi o carro próprio ou o ônibus superlotado. Lá dentro todos têm a mesma função e o mesmo desejo: a vitória de seu time.

Num momento em que o Brasil passa por uma grave crise, em que o povo não acredita no futuro do país e quando cada um, individualmente, tenta levar vantagem nas pequenas coisas, o futebol e a torci- da pela seleção brasileira talvez sejam uma das únicas vivências de Nação da socie- dade brasileira. Um jogo da seleção é

capaz de reavivar a idéia de coletivo, de fraternidade e de união; a vivência, difícil hoje, de sermos todos brasileiros, e de termos orgulho disso.

O que buscamos, ao longo do texto, foi vincular a discussão do futebol à discussão da sociedade brasileira, não num sentido funcionalista, onde se pretende saber qual a função de determinado costume numa sociedade, mas no sentido de entender como a sociedade brasileira se expressa através do seu futebol. Nesse contexto é que discutimos a violência da torcida, não como causada pelo futebol, mas expressada através dele. Estamos conscientes de que esta análise, a curtíssimo prazo, não resolve os graves conflitos que têm acontecido nos jogos de futebol. Acreditamos, porém, que, a médio prazo, será mais pertinente para resolver - ou minimizar - o problema da violência, um enfoque que tome o futebol como fenômeno social que mobiliza as emoções, as vivências e as representações do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01- BYINGTON, C. A riqueza simbólica do futebol. *Psicologia Atual*, 5(25):20-32, 1982.
- 02- CAGIGAL, J.M. *Deporte Y agresión*. Barcelona, Planeta, 1976.
- 03- CARVALHO, A.M. de. *Violência no desporto*. Lisboa, Horizonte, 1985.
- 04- CASTELLANI FILHO, L. O fenômeno cultural chamado "futebol" - uma proposta de estudo. *Artus*, (15):6-9, 1985.
- 05- DAMATTA, R. et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.
- 06- DAOLIO, J. O drama do futebol brasileiro - uma análise sócio-antropológica. *Rev. Paulista de Educação Física*, no prelo.
- 07- MONTAGU, A. *A natureza da agressividade humana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

ENDEREÇO DO AUTOR / AUTHOR ADDRESS

Jocimar Daolio
UNICAMP - FEF
Caixa Postal 6134
CEP 13081 - Campinas - SP

